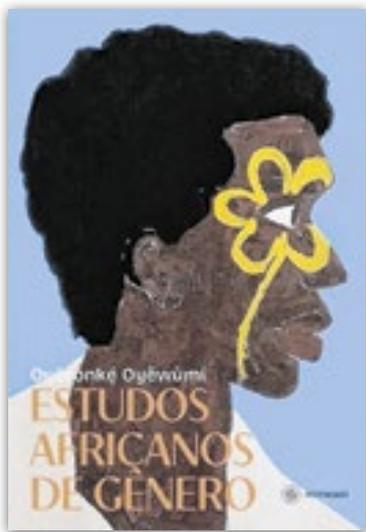


'Gênero é ideia eurocêntrica'



Para a socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùnmí, a ideia de gênero tem raízes eurocêntricas e faz com que a representação sobre as mulheres africanas seja eivada de estereótipos negativos. “A ideia de gênero está ligada à cultura ocidental”, diz ela. “Quando comecei a lecionar na Califórnia, não havia livros para apresentar aos alunos que não trouxessem representações negativas sobre mulheres africanas.”

Por isso, ela decidiu ocupar essa lacuna com uma coletânea reunindo textos que dessem conta das múltiplas perspectivas africanas sobre a ideia de gênero.

Assim nasceu “Estudos Africanos de Gênero”, livro que agora ganha uma tradução em português, que reúne mais de 20 textos, chega ao Brasil como resultado de uma parceria entre a editora Martins Fontes, o Itaú Cultural e a Fundação Tide Setúbal.

“Essa antologia é o meu segundo livro”, diz a escritora, que estreou no mercado editorial com o seminal “A Invenção das Mulheres”. “Quando comecei a escrever a minha primeira obra, ainda não sabia que o gênero era uma construção eurocêntrica.”

Para subverter isso, ela lançou mão dos saberes iorubás. Um exemplo é o conceito de oxunismo, ideia por meio da qual Oyewùnmí promove uma releitura do feminismo tomando como base Oxum, orixá das águas doces e da fertilidade.

O livro também traz como elemento basilar a diversidade de vozes. “A gente tem que olhar para

a África de forma multifacetada, porque muitas pessoas escrevem sobre ela como se fosse uma vila, e não um continente.”

O livro prima tanto pela multiplicidade de perspectivas que traz até mesmo textos de autores homens. “Por que gênero deveria ser sinônimo de mulher?”, questiona. “Não achava que todos os capítulos tinham que ser feitos por mulheres. Eu queria textos que abordassem temas relevantes para as minhas aulas. Eu não achei que eu teria que reduzir a obra a algo binário, em que apenas mulheres pudessem escrever.”

Durante o lançamento, Oyewùnmí disse que encontrou em seu

trabalho como pesquisadora um instrumento para resistir a mecanismos de opressão. Ela, porém, está interessada em aproximar a academia da sociedade de forma mais ampla.

“Eu me pergunto como nós transformamos pesquisas em realidade, ou seja, em políticas e mudanças sociais. Me pergunto como fechamos a lacuna entre feminismo acadêmico e o ativismo social.”

Para ela, um exemplo bem-sucedido disso é a Marcha das Mulheres Negras, movimento que conheceu em sua passagem pelo Brasil. “Fiquei impressionado com a organização de mulheres afro-

brasileiras. Há muito o que aprender com vocês.”

Oyewùnmí diz sentir o impacto de seus estudos sobre gênero na sociedade brasileira. Essa realidade, porém, é diferente na Nigéria, seu país de origem. “Lá, eu me pergunto se as pessoas estão lendo os meus livros.”

Para ela, a rejeição à questão de gênero acontece em razão de interpretações extremadas do cristianismo e do islamismo. A acadêmica ilustra isso citando uma situação que aconteceu em sala de aula.

Oyewùnmí lembra que ficou feliz ao perceber que um de seus alunos nos Estados Unidos era de

A socióloga Oyèronké Oyewùnmí reúne textos de autores e autoras de diferentes etnias, nacionalidades e idiomas para refletir a polifonia dos estudos de gênero na África



Fotos/Divulgação